

## RESENHA

# PARA QUE LEIAM O CAPITAL: INTERPRETAÇÕES SOBRE O LIVRO I.

MEDEIROS, JOÃO LEONARDO; BARRETO, EDUARDO SÁ (orgs.). São Paulo: Usina Editorial, 2021. 287 p. (Coleção NIEP-MARX; v.6).

Recebido em 3/10/2021  
Aprovado em 21/12/2021

O século XX foi permeado por contradições, guerras, crises, avanços e recuos para a classe trabalhadora e teve como desfecho o colapso da URSS, que abriu espaço para a apologética do capital declarar o “fim da história” e o capital como vencedor. O século XXI exige, portanto, uma dupla (e unitária) frente: i) reconstruir uma orgânica ofensiva política contra o capital e; ii) resgatar uma teoria e um método que façam jus aos escritos marxianos e aos desafios contemporâneos, cujo principal vetor é a sobrevivência da humanidade. *Para que leiam O capital* caminha nesse sentido: explicita as armadilhas e distorções do marxismo do século XX, lança luz sobre os conteúdos mais essenciais do Livro I de *O capital*, e advoga pela unidade da obra marxiana e pelo seu método imanentemente ontológico, cujo objeto é a sociedade capitalista. No livro percebemos a unidade (e diferenças) entre seus autores, professores do Departamento de Economia da UFF e pesquisadores do NIEP-Marx, núcleo de grande relevância no marxismo contemporâneo.

## ELLEN TRISTÃO

Professora Adjunta III na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Campus do Mucuri, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas, Curso de Ciências Econômicas.

E-mail: [ellen.lucy.tristao@gmail.com](mailto:ellen.lucy.tristao@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6396-809X>

O livro se inicia com o capítulo “Marx: o longo percurso até *O capital*”, redigido por João Leonardo Medeiros. O autor nos conduz pela vida e obra de Karl Marx, com o objetivo de “[...] estabelecer a relação entre *O capital* e o desenvolvimento intelectual [contínuo e processual] de Marx desde o início da década de 1840”. A proposta demarca a unidade na obra de Marx ao explicitar, por exemplo, a relação imanente entre a alienação/estranhamento, dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, e o fenômeno do fetichismo, um dos cernes de *O capital* e, portanto, da sociedade

capitalista. Medeiros demonstra que esta unidade não se restringe à obra, pois está presente também na vida/obra, teoria/militância e esferas acadêmica/política de Marx. Com sínteses que pressupõem denso conhecimento do percurso teórico, político e pessoal de Marx e do debate marxista, Medeiros evidencia-nos que *O capital* “[...] é a obra magna de Marx não exatamente no sentido de ser a mais importante ou a mais bem acaba, mas no sentido de ser o ponto culminante de uma reflexão que se desenvolveu autocriticamente durante aproximadamente um quarto de século”.

No capítulo “Marx e a crítica da economia política: considerações metodológicas”, Medeiros e Bianca Bonente defendem que *O capital*, além de necessário, constitui-se no principal caminho para a compreensão do método marxiano, sobrepondo-se a textos como a “Introdução de 1857”. O método é entendido como mediador entre o sujeito que conhece e seu objeto, considerado sempre em sua dinâmica dialética, quando apreendido a partir de uma crítica explanatória (Bhaskar)/ontológica (Lukács), cujo critério remete sempre ao ser existente. As seções que compõem o capítulo apresentam categorias centrais ao método marxiano, das quais destacamos: 1) a rica análise das categorias abstrato, concreto e abstração razoável (como procedimento lógico-metodológico) e; 2) a compreensão dada à categoria dialética. Tal como os demais capítulos do livro, esse se encerra com a chamada à prática revolucionária, quando demarca que a crítica a representações mistificadoras é também uma crítica ao seu objeto (a sociedade capitalista).

Marcelo Carcanholo é o autor do capítulo “Valor e preço na teoria de Marx: o significado da lei do valor”, no qual demonstra que a teoria do valor-trabalho de Marx não é uma simples teoria da determinação dos preços, mas uma teoria sobre as relações sociais capitalistas, alienadas e fetichizadas. A partir do entendimento de que “as mercadorias não podem ser vendidas por seus valores, nem poderiam sê-lo, ainda que o sejam!”, Carcanholo mostra-nos que valor, preço de produção e preço de mercado respondem a níveis de abstração distintos e que a lei do valor deve ser entendida como lei tendencial, pela qual os preços de mercado flutuam sobre um centro: o valor.

Demonstra ainda que apenas a totalidade da obra *O capital*, no conjunto dos três livros, permite entender e superar interpretações equivocadas da teoria do valor-trabalho, como o polêmico (e inexistente) problema da transformação do valor em preço.

O quarto capítulo, de autoria de Bonente e Hugo Corrêa, “Entre o fetichismo e a exploração: polêmicas sobre o Livro I de *O capital*”, traz a crítica a interpretações que ou delegam a segundo plano o papel revolucionário da classe trabalhadora, como o faz Postone, ou negam a contribuição da herança filosófica de Marx para *O capital* e minimizam a importância do fetichismo, cujo desdobramento mais extremado é o “corte epistemológico” de Althusser. Mais do que apresentar uma crítica às insuficiências ou aos equívocos dessas análises extremadas, a autora e o autor trazem um panorama do marxismo do século XX, em seus desvios e acertos, e tecem a tese de que exploração e fetichismo são uma unidade intrínseca à teoria do valor marxiana: não há crítica à sociedade capitalista sem que se remeta ao trabalho estranhado, às relações sociais fetichizadas e à luta de classes.

O capítulo cinco, “Em busca do elo perdido: sobre a gênese dialética da categoria capital”, redigido por Medeiros e Leonardo Leite, evidencia a riqueza de *O capital*, e explicita o quanto esta obra pode fomentar interpretações diversas acerca de várias de suas temáticas. Dentre esses temas: a gênese da categoria capital; os interlocutores: A. Callinicos, F. Jameson, R. Rosdolsky, M. Heinrich, D. Harvey e M. Postone. A partir de uma precisa abordagem ontológica, Medeiros e Leite concluem que a gênese da categoria capital, dada por muitos como um elo perdido, está presente – com riqueza de mediações e ainda que em uma exposição muito condensada – no Livro Primeiro de *O capital*. Merece destaque a clareza metodológica pela qual extraem a articulação entre as contradições (reais/históricas) da circulação simples de mercadorias e a gênese lógico-dialética da categoria capital.

A tese do socialismo oficial que advoga o determinismo tecnológico – pelo qual há uma relação de causalidade e antecedência temporal entre as forças produtivas (frequentemente reduzidas a instrumentos de produção) e as

relações de produção – é o tema do sexto capítulo, de autoria de André Guimarães Augusto. A crítica de Augusto demonstra que relações de produção e forças produtivas são uma totalidade e, como tal, constituem-se em momentos que se inter-relacionam e se determinam reciprocamente, de forma contraditória ou correspondente. A leitura que o autor nos apresenta nos fornece também arcabouço teórico e metodológico no enfrentamento de temáticas e polêmicas como: a neutralidade da ciência, a autocontradição do capital como seu limite estrutural, a relação entre desenvolvimento tecnológico e alienação, e a conversão das forças produtivas em forças destrutivas.

O capítulo 7, escrito por Eduardo Sá Barreto, tem por tema a crítica ecológica do capitalismo, mas, como anuncia o autor no título, “esse não é mais um texto sobre ruptura metabólica”. Sá Barreto dá o devido destaque à tese de John Bellamy Foster – a qual identifica nos textos de Marx a ruptura metabólica entre humanidade e natureza como resultante da acumulação de capital –, mas adverte que a proliferação dessa tese ou foi feita de forma descuidada e esvaziada, ou ofuscou fundamentos relevantes da obra marxiana à crítica ecológica. O autor demonstra que mesmo ancorados apenas no Livro I de *O capital* é possível uma crítica contundente às mais bem intencionadas teses ecologistas. O texto explora categorias como mercadoria, fetichismo, capital e acumulação, para demonstrar que não há ação eficaz contra o ciclo destrutivo da natureza sem que essa ação seja também revolucionária e rompa com os ditames da acumulação de capital, a qual limita ações individuais, sobrepõe a racionalidade econômica à racionalidade ecológica e condiciona os avanços tecnológicos à valorização.

Em mais um capítulo preciso, o oitavo do livro, Augusto defende que a luta de classes perpassa por todo *O capital* e o faz dada a unidade contraditória entre trabalho e capital, dois polos que se excluem e, nesse movimento, negam a si mesmos. Esse movimento de negação é uma totalidade e parte constitutiva da reprodução social do capital: apresenta-se na compra e venda da força de trabalho, no processo de subsunção do trabalho ao capital (da co-operação simples à grande indústria), na concentração do capital e na reação

a esse movimento: nas conquistas dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho, nas leis fabris e em sua organização consciente enquanto classe. Esse movimento contraditório entre capital e trabalho coloca a possibilidade de sua suprassunção, e cada vitória do trabalho contra o capital, mesmo na ordem capitalista, é uma conquista a caminho do reino da liberdade.

O livro se encerra com o capítulo “As classes sociais e o Estado no Livro I de *O capital*”. Paulo Furtado de Araújo nos apresenta a tese de Postone – objeto de crítica no capítulo de Bonente e Corrêa – e defende que a luta de classes é intrínseca à sociabilidade capitalista, mas não ultrapassa seus limites. A partir desse fundamento, Araújo nos mostra que as categorias classes sociais e Estado surgem no Livro I a partir da necessidade de exposição da categoria central desta obra: o valor. Marx parte da aparência mais abstrata e procura desvendar a essência, caminhando para uma concretude, e, nesse percurso, as classes sociais e, em certa medida, o Estado, surgem como categorias pressupostas ou postas pelo movimento de expansão do valor, e têm seu conteúdo dado por ele. A peculiaridade do Estado é constituir-se numa inter-relação de unidade com o valor (capital), e não apenas como superestrutura, ganhando papel de relevância, principalmente na acumulação primitiva.

A leitura de *Para que leiam O capital* deixa evidente a atualidade e imprescindibilidade de *O capital*, assim como a relevância de uma categoria que se apresenta em todos os capítulos: o fetichismo. Sua relevância no período contemporâneo pode ser explicitada quando recorreremos à conclusão do capítulo 2: a crítica da economia política, uma vez que revela as relações sociais de produção estranhadas que dominam a humanidade, é uma crítica desmistificadora e, portanto, deve ganhar o sentido prático que Marx atribui à teoria e transformar-se numa prática revolucionária, para além dos gabinetes das universidades. No enfrentamento à extrema direita brasileira e mundial, a desmistificação das relações sociais capitalistas expõe o caráter destrutivo e desumanizador do capital, e permite direcionar a luta para o verdadeiro algoz: o capital.